

The book cover features a detailed illustration of a vast field of daisies. The flowers are rendered in various shades of white and light blue, with bright yellow centers. The green foliage is depicted with fine, textured brushstrokes, creating a sense of depth and movement. The top portion of the cover is a plain, light beige color, providing a clean background for the title and author's name. The overall style is reminiscent of a classic oil painting.

# Tom Lake

Ann Patchett

The logo for the publisher, Intrinseca, is located at the bottom center of the cover. It consists of a small, solid gold circle positioned above a white, rounded rectangular box. Inside the box, the word "intrinseca" is written in a lowercase, sans-serif font.

intrinseca



Ann Patchett

Tom  
Lake

TRADUÇÃO DE CAMILA VON HOLDEFER



intrínseca



Copyright © 2023 by Ann Patchett  
Venda proibida em Portugal.

TÍTULO ORIGINAL  
*Tom Lake*

COPIDESQUE  
Angelica Andrade

REVISÃO  
Rayana Faria  
Eduardo Carneiro

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO  
Henrique Diniz

DESIGN DE CAPA  
Robin Bilardello

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Lázaro Mendes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA  
*Bed of Daisies*, de Gustave Caillebotte, c. 1893 © Giverny, Museu do Impressionismo/ Fotografia:  
François Doury

PRODUÇÃO DE E-BOOK  
Victor Huguet

E-ISBN  
978-85-510-1019-8

Edição digital: 2024

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303  
22640-904 — Barra da Tijuca  
Rio de Janeiro — RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)



[@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)



[editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)



[@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)



[@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)



[intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

# Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

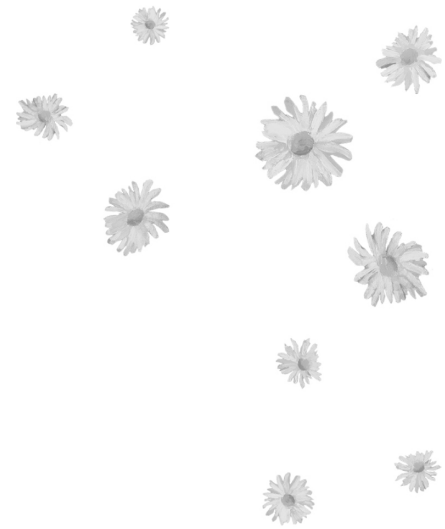
[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[\*Sobre a autora\*](#)

*Para Kate DiCamillo, que segurou a lanterna bem lá no alto*



# 1

O fato de Veronica e eu termos recebido as chaves e sido avisadas de que deveríamos chegar cedo num sábado congelante de abril e destrancar a escola para as audições de *Nossa cidade*, de Thornton Wilder, era uma prova de quanto éramos entediadamente confiáveis. O diretor da peça, sr. Martin, era amigo da minha avó e corretor de seguros. Foi assim que fui arrastada para isso, por causa da minha avó, e Veronica foi arrastada porque fazíamos basicamente tudo juntas. Os cidadãos de New Hampshire não se cansavam de assistir a *Nossa cidade*. A peça representava para nós o que a Constituição ou o hino nacional representavam para outros norte-americanos. Ela nos comovia, nos fazia sentir especiais e notados. O sr. Martin previa um comparecimento em massa às audições, o que explicava por que precisávamos usar o ginásio da escola naquele dia. A produção do teatro comunitário não tinha nada a ver com nosso colégio, mas, como o sr. Martin era o corretor de seguros do diretor e muito provavelmente amigo dele, o pedido foi atendido. *Nossa cidade* era esse tipo de cidade.

Chegamos com nossos copos térmicos de café e livros enormes, *A incendiária* para Veronica e *Doutor Jivago* para mim. Eu gostava bastante da escola, mas detestava o ginásio e tudo que ele representava: esportes coletivos, apresentações de líderes de torcida, jogos perversos de *kickball*, as

corridas em círculos quando estava frio demais para ficarmos do lado de fora, bailes solenes e cerimônias de formatura — mas naquela manhã de sábado o lugar estava vazio e estranhamente bonito. A luz do sol se derramava pelas janelas estreitas logo abaixo do teto. Acho que nunca havia reparado que o ginásio tinha janelas. O piso, as paredes e as arquibancadas eram todos feitos de ripas idênticas de madeira clara. O palco ficava em uma das extremidades, atrás da cesta de basquete, e as pesadas cortinas vermelhas estavam puxadas para o lado, revelando uma escuridão fosca. Seria ali que a ação aconteceria. Fomos instruídas a colocar uma mesa de almoço e cinco cadeiras dobráveis diante do palco (“Perto, mas não perto demais”, dissera o sr. Martin), e então, a trinta metros de distância, debaixo da cesta de basquete oposta, tínhamos que colocar uma segunda mesa de almoço diante das portas que davam para o saguão. Essa segunda mesa era destinada para as inscrições, que eram tarefa nossa. Com muita dificuldade, tiramos as duas mesas de armar do almoxarifado. Levamos cadeiras dobráveis. Passaríamos a manhã toda explicando como preencher o formulário: *Nome, nome artístico (caso seja diferente), altura, cor do cabelo, idade (em categorias de 7 anos — assinale uma, por favor) e número de telefone*. Foi solicitado que os candidatos levassem uma fotografia e um currículo listando todos os papéis que já haviam representado antes. Tínhamos um copo cheio de canetas. Para pessoas que não apresentassem currículo, havia um espaço no qual poderiam escrever coisas, e Veronica levou uma Polaroid para fotografar quem não tivesse foto e em seguida prender a imagem com um clipe ao formulário. O sr. Martin tinha comentado que não deveríamos deixar ninguém constrangido por ter menos experiência, disse que “às vezes são diamantes brutos”.

Acontece que Veronica e eu não éramos garotas do teatro. Não haviam pedido que as garotas do teatro desempenhassem essa tarefa porque talvez elas quisessem tentar um papel. Éramos garotas comuns, que não tinham ideia de como fazer os adultos se sentirem julgados pela falta de experiência teatral. Assim que pegássemos a documentação das pessoas, tínhamos que entregar a elas as páginas que deveriam ler — que, o sr. Martin explicou, eram chamadas de “cenas” —, junto com um número impresso em um quadrado de papel, e então as direcionaríamos de volta ao saguão para que esperassem.

Quando as portas se abriram, às oito horas, tantas pessoas entraram que Veronica e eu tivemos que voltar correndo até a mesa para chegarmos antes da multidão. Assim que começou, já estávamos lotadas de trabalho.

— Isso — garanti a uma mulher e depois a outra. — Se você tentar o papel de sra. Gibbs, vai ser cotada também para o de sra. Webb.

O que eu não disse, embora estivesse ficando cada vez mais óbvio, é que, se a pessoa tentasse o papel de Emily, seria cotada também para o da mãe da Emily. Nas produções do ensino médio não era incomum alguém de 15 anos interpretar o pai ou a mãe de alguém de 17, mas no teatro comunitário era outra história. Naquela manhã os candidatos eram de todas as idades, não só velhotes querendo ser o Diretor de Cena, mas também gente que provavelmente estava na faculdade tentando os papéis de Emily e George. (As Emilys estavam maquiadas demais e vestidas como as garotas Amish que vendiam pãezinhos de canela na feira. Os Georges avaliavam disfarçadamente os outros Georges.) Crianças se aproximavam da mesa anunciando que iriam tentar o papel de Wally ou da Rebecca. Os pais deveriam estar em busca de uma creche, afinal que tipo de garoto de 10 anos anuncia durante o café da manhã que quer ser o Wally Webb?

— Se essa gente toda voltar e comprar um ingresso, vai ser um sucesso — comentou Veronica. — A produção inteira pode ir direto para a Broadway e a gente ficaria rica.

— E por que *a gente* ficaria rica? — perguntei.

Veronica disse que estava sonhando alto.

O sr. Martin havia pensado em tudo, menos em pranchetas, o que acabou por se mostrar um verdadeiro erro. As pessoas estavam usando nossa mesa como apoio, o que criou um engarrafamento no fluxo. Eu tentava decidir se era mais deprimente ver as pessoas que conhecia ou as pessoas que não conhecia. Cheryl, que trabalhava no caixa do supermercado Major e devia ter a idade da minha mãe, segurava um currículo e uma fotografia nas mãos enluvadas. Se o sonho de Cheryl sempre fora se tornar atriz, eu nunca mais conseguiria ir ao mercado de novo, pensei. Também havia os bandos de esquisitões, homens e mulheres encapotados em casacos e cachecóis, olhando em torno do ginásio de um jeito que deixava evidente que nunca tinham estado ali antes. Achei igualmente triste pensar nessas pessoas dirigindo por sabe-se lá quanto tempo naquela manhã gélida, porque isso queria dizer que estavam dispostas a continuar dirigindo até aqui para os ensaios e as apresentações durante o verão.

— O mundo inteiro é um palco — disse Veronica, porque conseguia ler minha mente —, e todos os homens e mulheres só querem atuar.

Recebi um currículo e uma fotografia do pai da minha amiga Marcia, que ela pronunciava Mar-*cí*-a. Tinha me sentado à mesa de jantar desse homem, andado no banco de trás da perua dele quando levava a família para tomar sorvete e dormido na caminha extra do quarto cor-de-rosa da filha dele. Fingi que não o conhecia porque achei que seria a atitude mais gentil a ser tomada.

— Laura — disse ele, sorrindo com todos os dentes. — Bom dia! Está meio lotado aqui.

Concordei, então entreguei o número dele e as cenas e disse a ele que voltasse ao saguão e esperasse ser chamado.

— Onde fica o banheiro? — perguntou ele.

Era superconstrangedor. Até mesmo os homens queriam saber onde ficava o banheiro. Queriam afofar os cabelos que tinham sido achatados pelas toucas. Queriam ler as respectivas falas em voz alta diante do espelho para ver como estavam. Falei que o banheiro que ficava perto do Centro de Comunicação e Linguagem estaria menos cheio.

— Vocês parecem ocupadas, meninas — disse minha avó.

Ela surgiu atrás de nós no momento em que o pai de Marcia se afastava.

— Quer um papel? — perguntou Veronica. — Conheço umas pessoas. Posso fazer de você uma estrela.

Veronica amava minha avó. Todo mundo amava.

— Só vim dar uma olhadinha.

Minha avó se virou e olhou na direção da mesa diante do palco para indicar que se sentaria com o sr. Martin e as pessoas do teatro. Ela era dona da Pontinhos, o ateliê de consertos de roupas da cidade, e havia se voluntariado para fazer o figurino, o que queria dizer que tinha me voluntariado para fazer o figurino também, já que eu trabalhava para ela depois da escola. Ela beijou minha cabeça e cruzou a grande extensão da quadra de basquete vazia rumo àquela mesa distante.

As audições deveriam ter começado pontualmente às dez, mas, devido à situação das pranchetas, já passava das dez e meia. Assim que todos haviam se inscrito, Veronica disse que ia selecionar grupos pequenos de acordo com os números e os papéis a que aspiravam e então conduzi-los pelo corredor para que esperassem.

— Vou bancar o cão pastor — disse ela, levantando-se e afastando-se da mesa.

Eu ficaria à mesa e faria a inscrição dos retardatários. O sr. Martin e minha avó tomaram seus lugares junto a três outras pessoas à mesa diante do palco e no mesmo instante o ginásio, que reverberara a manhã inteira, ficou em silêncio. Veronica deveria acompanhar os aspirantes a atores e atrizes pelo corredor e escada acima, passando pelos bastidores e indo até a extremidade do palco, esperando que os respectivos nomes fossem chamados. As pessoas que iriam participar da audição não podiam assistir às outras audições, então eram instruídas a se retirar conforme terminavam, a menos que pedissem especificamente que ficassem. Todos os Diretores de Cena iriam primeiro (sendo o Diretor de Cena a maior e mais importante parte da peça), seguidos por todos os Georges e Emilys, depois os outros Webbs (o senhor e a senhora e Wally) e os outros Gibbs (o doutor e a senhora e Rebecca). Os papéis menores seriam atribuídos como prêmio de consolação. Ninguém sai de casa esperando conseguir o papel de policial Warren, mas se o papel oferecido fosse o do policial Warren o ator aceitava.

— Sr. Saxon — gritou o sr. Martin. — O senhor vai ler o início do segundo ato.

Todos os Diretores de Cena leriam esse mesmo trecho.

Fiquei surpresa de conseguir ouvir o arrastar suave dos pés do sr. Saxon cruzando o palco.

— Sou o primeiro?

O sr. Saxon não tinha se dado conta de que esse seria o resultado de se chegar em um ginásio de colégio meia hora antes de as portas se abrirem.

— O senhor é o primeiro — respondeu o sr. Martin. — Por favor, pode começar quando estiver pronto.

Então o sr. Saxon pigarreou e, depois de esperar um minuto a mais do que teria sido considerado simplesmente estranho, deu início.

— Três anos se passaram. Sim, o sol nasceu mais de mil vezes.

Continuei a encarar o saguão como havia feito a manhã toda, embora agora os dois conjuntos de portas duplas estivessem fechados. O sr. Martin, minha avó e as pessoas sentadas com eles estavam bem longe, de costas para mim, eu de costas para eles, e o coitado do sr. Saxon, que estava tendo uma morte horrível ali, sem dúvida olhava para o diretor e não para as costas de uma garota do ensino médio. Ainda assim, por educação, não me virei. Ele percorreu toda a página até o final.

— Eis! Dá para ouvir o das 5h45 para Boston — disse ele, por fim, com a voz inundada de alívio.

A leitura durou dois minutos, e me perguntei como alguém podia ter achado razoável ter escolhido uma passagem tão longa.

— Muito obrigado — disse o sr. Martin, com a voz desprovida de encorajamento.

Uma tristeza enorme brotou em mim. Se Veronica estivesse presente, teríamos jogado uma partida silenciosa de forca e acrescentado um membro a cada palavra que o sr. Saxon pronunciasse de forma exageradamente lamentosa. Teríamos nos recusado a olhar uma para a outra com medo de cair na risada. Mas Veronica estava no corredor, e ninguém havia chegado atrasado, como tínhamos tanta certeza de que aconteceria. No fim das contas, todos os candidatos tiveram a mesma ideia: chegar pontualmente, fazer a inscrição e parar na fila como indicado — provando, assim, que eram bons em seguir instruções. O sr. Martin chamou o segundo homem para a audição, o sr. Parks.

— Devo começar pelo início da página, no lugar assinalado? — perguntou o sr. Parks.

— Seria ótimo — respondeu o sr. Martin.

— Três anos se passaram — começou o sr. Parks, e então esperou três anos para enfatizar esse ponto. — Sim. — Outra pausa. — O sol nasceu mais de mil vezes.

O sr. Parks estava interpretando para o Maine, não para New Hampshire. Se me virasse, sem dúvida teria visto um homem com um impermeável amarelo e uma lagosta debaixo do braço. Em silêncio, estendi a mão para a mochila pendurada na cadeira e tateei em busca do meu exemplar de *Doutor Jivago*. Esse sempre tinha sido o plano: eu iria ler enquanto eles faziam as audições, e, quando ficássemos entediadas, Veronica e eu iríamos trocar de lugar para ela conseguir ler também. O sr. Parks não estava nem perto do fim da página. O bom de *Doutor Jivago* era que a trama mostrava-se suficientemente complexa para exigir toda a atenção do meu cérebro. Não gostava muito do romance, mas queria saber o que ia acontecer com Lara. Ainda assim, lá pela sexta vez que um aspirante a Diretor de Cena anunciou que o sol havia nascido, me dei conta de que Pasternak não era páreo para a situação e virei a cadeira.

Um após outro, os Diretores de Cena saíam para o proscênio e começavam. A postura esquisita daqueles homens e a forma como o papel tremia nas mãos deles eram coisas que nenhuma garota de ensino médio deveria ver. Alguns tinham uma voz decente, mas se fossem derrubados da lateral de um barco cairiam feito âncoras. Zero fluabilidade. Outros tinham uma boa postura corporal, andando com uma das mãos enfiada no bolso, mas pronunciavam cada palavra foneticamente. A dicotomia era como o dia e a noite: uns tinham uma coisa e uns tinham outra, mas ninguém dominava as duas e vários não dominavam nenhuma. Juntos, os Diretores de Cena eram como um acidente automobilístico, um engavetamento de vários carros, e eu não conseguia desviar os olhos.

Apesar de não parecer, a primavera estava quase chegando a New Hampshire. Faltavam sete semanas para concluir meu primeiro ano, mas fiquei pensando que aquele era o primeiro dia da minha educação de verdade. Nenhum dos livros que eu tinha lido era tão importante quanto aquilo, nenhuma das provas de matemática ou dos trabalhos de história havia me ensinado a atuar, e por “atuar” não quero dizer no palco, quero dizer na vida. O que estava vendo era nada mais nada menos do que o modo de me apresentar ao mundo. Ver atores que haviam memorizado as respectivas falas e sido dirigidos durante meses era uma coisa, mas ver adultos pisando em falso e fracassando era totalmente diferente. A magia estava em identificar onde cada um havia errado. O sr. Anderson, um agente de crédito do Banco Liberty, levou um cachimbo, um adereço que poderia ter sido legal de segurar, mas que manteve cerrado entre os dentes. Uma pessoa não precisava atuar para saber que a habilidade de separar os maxilares é útil na fala, mas eu sabia disso e ele não. E então, no meio do discurso de dois minutos, ele dobrou o pedaço de papel que estava lendo, o deslizou para o bolso interno do paletó, sacou uma caixa de fósforos de madeira de outro bolso e acendeu o cachimbo. A baforada necessária para fazer o fogo pegar no tabaco, a chamazinha cintilando no forninho, tudo fazia parte da audição. Depois ele pôs a caixa de fósforos e o fósforo usado de volta no bolso, retirou a página com o texto, desdobrou-a e retomou a atuação enquanto a fumaça adocicada do cachimbo espiralava em direção às vigas do teto e fluía na minha direção.

O fato de o sr. Martin não ter simplesmente se levantado e dito deixem para lá, não tenho interesse em dirigir *Nossa cidade*, era uma prova de

firmeza. Em vez disso, ele tossiu e agradeceu ao sr. Anderson pelo tempo dele. O sr. Anderson, assentindo gravemente, saiu.

Todo Diretor de Cena chegava com uma lição involuntária: clareza, intenção, simplicidade. Eles estavam me ensinando. Como todos os meus amigos, eu me perguntava o que iria fazer da vida. Na maior parte do tempo achava que seria professora de inglês, porque inglês era a melhor disciplina e a ideia de passar a vida lendo e fazendo outras pessoas lerem me atraía. Vivia anotando ideias para minha ementa na parte de trás do caderno espiralado, pensando em como iríamos começar a abordar *David Copperfield*, mas, mal me comprometi com a docência, desisti da ideia e resolvi solicitar uma inscrição junto ao Corpo da Paz. Amava livros, isso era óbvio, mas como poderia passar a vida em uma sala de aula sabendo que poços precisavam ser cavados e mosquiteiros precisavam ser distribuídos? O Corpo da Paz seria o caminho mais fácil para eu fazer algo verdadeiramente decente da vida. Decência, palavra usada para englobar cada aspecto de ser uma boa pessoa, influenciava um bocado minhas reflexões sobre o futuro. Ser veterinária era decente — todo mundo já quis ser veterinário em algum momento —, mas isso significava estudar química, e química me deixava nervosa.

Mas por que eu estava sempre em busca de romances ingleses de seiscentas páginas, ciências exatas e empregos que exigiriam vacinas contra a malária? Por que não fazer algo em que já era boa? Todos os meus amigos achavam que eu devia assumir o ateliê de consertos de roupas da minha avó, porque, ao contrário deles, eu sabia costurar. As mães deles não sabiam. Quando fazia uma bainha ou apertava um cós, olhavam para mim como se eu fosse Prometeu descendo do Olimpo com o fogo roubado.

Caso haja dúvidas quanto à decência que existe no conserto de roupas, eu respondo: minha avó. Ela era tanto uma costureira quanto um poço de decência humana. Quando Veronica falou da calça jeans que evitei fosse parar no brechó ao afunilar o corte das pernas, ela disse: “Você salvou minha vida!” As pessoas gostavam que as roupas servissem, por isso fazer com que servissem era útil, decente. Minha avó — que sempre tinha uma fita métrica amarela pendurada no pescoço e uma almofada com alfinetes atada ao pulso com uma faixa elástica (eu chamava de pulseira de alfinetes) — me ensinou isso.

Ver aqueles homens recitando tão mal as mesmas frases enquanto poliam a lente dos óculos com lenços enormes me fez pensar muito na minha vida.

★ ★ ★

— Espera, espera, espera, você já quis ser veterinária? — Maisie balança a cabeça. — Você nunca quis ser veterinária. Nunca falou isso antes.

Maisie vai iniciar o terceiro ano na faculdade de veterinária no outono, se é que vai haver aulas no outono.

— Quis por um tempo. Você sabe como é quando estamos no ensino médio.

— Você queria ser pediatra no ensino médio — diz Nell à irmã, em minha defesa.

— Alguém pode me explicar o que tudo isso tem a ver com o Peter Duke? — pergunta Emily. — O que a costura tem a ver com o Duke?

Minhas meninas me pediram que começasse a história do início, mas não têm o menor interesse no início. Querem ouvir só o que importa para elas, com o resto suprimido para poupar tempo.

— Se acha que pode se sair melhor, conta a história você mesma — digo, me levantando, embora não em represália. Estico as mãos por cima da cabeça. — Vocês três podem contar a história uma para a outra.

Deus sabe que tenho muito trabalho para fazer por aqui.

— *Shhh* — faz Nell para as irmãs, dando palmadinhas no sofá. — Vem aqui — diz para mim. — Volta. Estamos ouvindo.

Nell sabe lidar com pessoas.

Emily, a mais velha, joga todo o volumoso cabelo escuro e sedoso sobre um ombro.

— Só achei que a história seria sobre o Duke. Foi só isso.

— Para de jogar o cabelo — reclama Maisie, irritada.

Maisie convenceu o pai a cortar o cabelo dela curtinho na primavera, mas sente falta das madeixas. A cachorrinha dela, Hazel, se põe de pé e gira três vezes no sofá antes de se deixar cair numa bola confortável. Elas dizem que estão prontas.

As três têm 20 e poucos anos agora e, como são muito evoluídas e aparentemente liberais, não têm interesse algum numa história que não seja sobre um homem lindo e famoso. Mas ainda sou a mãe delas, e elas sabem que vão ter que me aturar para chegar até ele. Volto ao meu lugar no sofá e começo de novo, sabendo muito bem que as partes que esperam ouvir são aquelas que nunca vou contar.

— Duke — diz Emily. — Estamos prontas.  
— Vou logo avisando, ele não aparece tão cedo.

★ ★ ★

— Acabaram os Diretores de Cena? — perguntou o sr. Martin, por fim, com a voz cansada.

A cabecinha linda de Veronica surgiu na borda da cortina.

— Acabaram — gritou, e os olhos dela encontraram os meus.

Ela escondeu a cabeça uma fração de segundo antes de começar a rir.

O sr. Martin pegou a garrafa térmica do chão e girou a tampa para abri-la enquanto os companheiros sussurravam entre si.

— Vamos continuar — disse ele.

Enquanto o Diretor de Cena é um personagem solitário, o George e a Emily são intrinsecamente ligados um ao outro e às respectivas famílias, então os Georges e as Emilys faziam as audições em pares. De novo, o sr. Martin havia escolhido falas do segundo ato, o que, na minha opinião (a garota de ensino médio nos fundos do ginásio estava cheia de opiniões), era a escolha óbvia. O primeiro diálogo breve revelava mais da Emily e o segundo revelava mais do George, a menos que se levasse em conta a capacidade da pessoa de ouvir, caso em que a primazia seria invertida.

Eu me perguntei se os pares tinham sido formados a cada duas pessoas paradas uma ao lado da outra na fila ou se Veronica estava fazendo alguma gracinha lá atrás, porque o primeiro George parecia ter uns 16 anos, enquanto a primeira Emily, não que eu soubesse, parecia vergada pelo peso dos 35. Havia rumores de que certas mulheres queriam interpretar a Emily para sempre. Percorriam New Hampshire de cidade em cidade, ano após ano, tentando conseguir o papel. Aquela Emily usava maria-chiquinha.

O sr. Martin perguntou se eles estavam prontos, e o George começou de imediato.

— Emily, por que está zangada comigo? — indagou ele.

Uma cópia do roteiro estava no meu colo.

Emily o encarou. Estava claramente zangada com o George, mas lutava para decidir se falava ou não. Então se virou e olhou para o sr. Martin. Protegeu os olhos com a mão do jeito que as pessoas fazem nos filmes

quando conversam com os diretores na plateia, mas, como não havia luzes de palco a evitar, o gesto não foi bem-sucedido.

— Eu não estava pronta — argumentou ela.

— Não se preocupe — disse o sr. Martin. — É só começar de novo.

Imaginei-o falando com as pessoas a respeito de seguros de carro, de seguros de vida, de como a seguradora estaria presente se a casa delas pegasse fogo. Aposto que ele tornava as coisas mais fáceis para elas.

— Emily, por que está zangada comigo? — perguntou George de novo.

Ela olhou para o George como se quisesse matá-lo, e então se voltou novamente para o sr. Martin.

— Ele não pode simplesmente *começar* assim. Tenho que estar pronta.

Eu não entendia o que estava acontecendo, mas então entendi: ela havia se perdido. Feito um cavalo que tropeça ao passar pela porteira. Não tinha nem começado e já estava tudo acabado.

— Podemos repetir — disse o sr. Martin. — Não tem problema.

— Tem, *sim*.

Ela iria chorar? Era o que estávamos esperando para ver.

O garoto era alto, com o cabelo castanho-claro tão bagunçado que, juro, parecia que ele próprio tinha cortado no escuro. A expressão no rosto dele me fez imaginar que estava refletindo sobre algum aspecto do beisebol e só naquele momento se deu conta da encrenca em que havia se metido.

— Sinto muitíssimo — disse George, exatamente como o George diria: arrependido, preocupado e um tantinho intimidado com a coisa toda.

Em resumo, esse cara estava seguindo com a audição, e a Emily também sabia disso.

— Quero voltar para a fila — pediu ela, hesitante. — Quero fazer a cena com outra pessoa.

— Tudo bem — disse o sr. Martin e, antes que ela tivesse se virado, gritou: — Precisamos de outra Emily.

Tínhamos milhares de Emilys. Bem mais Emilys do que Georges. Eu sabia disso por causa das inscrições. A Emily que saía cruzou com a Emily que entrava, uma garota uns quinze anos mais nova com cabelo loiro esvoaçante e brilhante. Ela deu uma reboladinha para balançar a bela saia. Foi assustador perceber como o tempo passa rápido. Eu sabia que a primeira não voltaria para a fila.

Mas daquele George eu gostei. Os Diretores de Cena tinham estabelecido um padrão muito baixo. Aquele George ficou por mais três rodadas, e toda vez fazia algo diferente, algo singular que era uma reação à Emily com a qual estava contracenando. Quando a Emily era esganiçada, ele era simples e direto. Quando a Emily era tímida, ele era discretamente protetor. A terceira começou a chorar — sabe-se lá como conseguiu isso tão rápido. De início eram só umas poucas lágrimas, realmente impressionante, mas então perdeu o controle e passou a berrar.

— George, *por favor*, não pense nisso. Não sei por que eu disse isso...

George sacou o lenço. Todos eles tinham um? Secou as lágrimas do rosto dela, fazendo um único som tranquilizador que de alguma forma, como se por milagre, a tranquilizou. No fundo do ginásio, estremei.

Vários dos Georges que se seguiram leram as respectivas falas como se estivessem tentando obter o papel de Peter Pan. Quanto mais velhos, mais davam pulinhos em uma cena que não pedia pulinhos. As Emilys eram trêmulas, emotivas e parecia que queriam enfiar a vastidão da experiência humana em cada frase. Estavam *Iradas* e *Arrepêndidas* e *Muito comovidas*. Comecei a me perguntar se o trecho era mais difícil do que eu tinha imaginado.

Lá do fundo do ginásio, eu queria gritar “Escuta o que você está dizendo. Escuta direitinho o que você está dizendo!”.

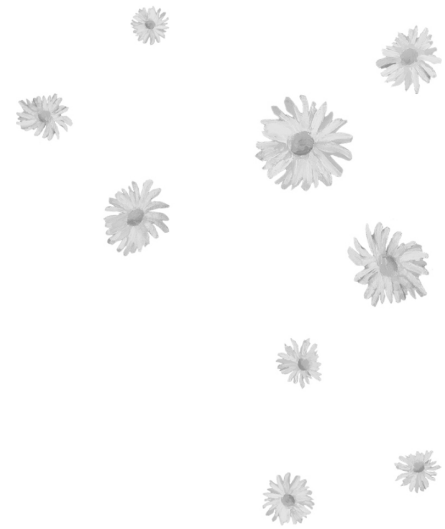
Um George medíocre podia ficar por três ou quatro Emilys porque era necessário, mas se fosse péssimo ficava apenas por uma. Os Diretores de Cena tinham me envergonhado, e os Georges, pelo menos depois do primeiro, me entediaram, mas as Emilys me irritaram profundamente. Elas estavam interpretando a aluna mais inteligente da turma do ensino médio como se fosse meio burra. Emily Webb fazia perguntas, falava a verdade e sabia o que queria, ao passo que aquelas Emilys ficavam segurando as saias de camponesa e miando feito gatinhos. Nenhuma delas se lembrava de como era ser a garota mais inteligente? Nenhuma garota de ensino médio viera tentar o papel, pelo menos nenhuma do meu colégio, provavelmente porque haveria muitos ensaios em noites que seriam mais bem aproveitadas fazendo o dever de casa, servindo mesas em troca de gorjetas ou saindo com os amigos. Nenhuma havia comparecido para defender nossa linhagem.

E então, quando a Emily e o George deixaram o palco, um pouco antes de a próxima Emily e o próximo George chegarem, virei a cadeira. Por um

momento, disse a mim mesma que iria voltar para *Doutor Jivago*, mas em vez disso peguei um formulário de inscrição. Não era que eu quisesse ser atriz, era que sabia que podia fazer melhor do que aquilo. *Nome*, dizia o formulário. *Nome artístico (caso seja diferente)*. Escrevi meu nome: *Laura Kenison*. Além do endereço, do número de telefone e da data de nascimento, não tinha nada a oferecer, nenhum jeito de transformar meu emprego vespertino na Pontinhos em uma experiência no teatro. Ouvi a audição atrás de mim.

— Bom, até UM ano atrás eu GOSTAVA muitÍSSIMO de VOCÊ — cantava Emily.

Dobrei o formulário de inscrição e o pus no exemplar de Pasternak, então peguei uma folha nova e comecei do zero. Dessa vez grafei meu nome como L-A-R-A, excluindo o “u” que meus pais me deram ao nascer porque eu acreditava que a nova grafia fosse russa e mundana. Pensei que o sr. Martin estava certo. Pensei que eu poderia ser o diamante bruto.



## 2

—Você tinha um “u” no nome? — pergunta Emily, me olhando com ceticismo.

— Por dezesseis anos.

— Vocês sabiam que o nome dela tinha um “u”? — pergunta ela às irmãs, que balançam a cabeça, confusas com o que escondi.

Hazel, a cachorra, olha para mim.

— Não sabia que isso ia ser engraçado — comenta Maisie.

— Não fazia ideia — emenda Nell.

— Não é engraçado — rebato. — Vocês sabem disso. Não é uma história engraçada, tirando as partes que são.

— A vida — diz Nell, deixando a cabeça cair no meu ombro de um jeito que me comove. — Continua. Acho que o George gato vai voltar a aparecer.

★ ★ ★

Esperiei o George e a Emily no palco terminarem a audição deles antes de eu ir até o saguão, com a inscrição na mão e a câmera Polaroid em volta do pescoço. De algum jeito tinha esquecido que ainda haveria muita gente

esperando para tentar outros papéis: os Gibbs e Webbs. Homens, mulheres e crianças andavam para lá e para cá, murmurando em silêncio as palavras das páginas que seguravam. Eu tinha me tornado parte daquele grupo. Estava prestes a dizer ao George que ele havia me decepcionado porque só pensava em beisebol e não era mais o garoto que eu considerava meu amigo.

Um punhado de Georges e Emilys estava sentado no corredor que conduzia ao palco. Todos tinham uma cadeira, exceto Veronica e o primeiro George, o bom. Os dois estavam sentados juntos nos degraus, e ele a fazia rir — o que, posso garantir, não era a coisa mais difícil do mundo. O cabelo preto dela pendia sobre a bochecha corada, e me dei conta de que devíamos ter trocado de lugar fazia duas horas. Eu havia esquecido porque estivera estudando na escola das audições de teatro, e ela havia esquecido porque estivera conversando com o George. Realmente não dava para ouvir o palco do corredor, motivo pelo qual ela ficou perto da porta, usando o romance grosso de Stephen King para mantê-la entreaberta. Fosse lá o que estivesse acontecendo, Veronica não deixou de prestar atenção no palco.

Quando olhou para cima e me viu ali com a câmera, ergueu uma belíssima sobrancelha. As sobrancelhas de Veronica eram grossas e pretas, e ela as modelava com pinça, moldando-as com delicadeza. Conseguia transmitir mais informações com uma sobrancelha do que algumas pessoas com um microfone. Ela soube que eu faria a audição para Emily, e também que conseguiria o papel. Eu costumava dizer que Veronica nunca poderia jogar pôquer, porque os pensamentos cruzavam a testa dela feito fita de telégrafo. Ela se deu conta de que poderia ter feito a audição para Emily e ir para os ensaios com aquele cara. Poderiam ter praticado as falas no carro dele e mantido as mãos no alto ao final de cada apresentação, se curvando uma vez mais antes de a cortina se fechar. Veronica, porém, quase nunca saía à noite porque a mãe era enfermeira e trabalhava no horário noturno e o padrasto dera no pé havia muito tempo, então ela precisava cuidar dos irmãos. Nós duas tínhamos dois irmãos, mais uma coisa que tínhamos em comum, embora os meus fossem bem mais velhos e os dela — tecnicamente meios-irmãos —, pequenininhos. Se não fosse por esses irmãos, Veronica teria mesmo dado uma excelente Emily.

— SÉRIO? — perguntou ela.

Assenti, estendendo a câmera. Ela ficou de pé e tirou a presilha do meu cabelo.

— Você vai ter que ficar por último — explicou ela. — Sem furar a fila. Se o Jimmy ainda estiver por aí, pode contracenar com você.

Jimmy me olhou bem nos olhos e esticou a mão. Nós apertamos a mão um do outro.

— Não tem outro lugar onde eu preferiria estar — disse ele.

Voltei pelo corredor e me sentei. Não queria que pensassem que eu estava recebendo tratamento preferencial, o que, é claro, era o caso. Não precisei sair correndo para o banheiro com Veronica para saber o que ela estava fazendo. O sr. Martin precisava encontrar uma Emily quando se visse sem opções. Todas as esperanças dele seriam postas em qualquer garota que viesse por último. Eu tinha assistido a mais de quatro horas de aulas de atuação avançada, o que não significava que soubesse atuar, mas com certeza sabia como não atuar. Tudo que tinha que fazer era dizer as falas e não me atrapalhar.

Quando o último par saiu e ficamos só eu, Veronica e Jimmy-George no corredor, pedi que ela trançasse meu cabelo.

Jimmy-George balançou a cabeça desaprovando, e Veronica concordou.

— Está mais bonito solto — disse ela.

Eu estava usando jeans e botas com cadarço e o velho moletom da universidade em que meu irmão Hardy estudava. Universidade de New Hampshire. Time de futebol americano. Vai, Wildcats.

— Você teria me falado, né? — disse Veronica. — Se tivesse planejado isso desde o início?

— Você sabe que não planejei nada.

Por que eu tinha a sensação de que estava abandonando Veronica?

Ela inclinou a cabeça do jeito que inclinamos ao escutar o barulho de uma porta se abrindo em algum lugar da casa, então me abraçou apertado.

— Arrebenta — sussurrou ela.

O ginásio voltou a ser o ginásio, o lugar de todas as humilhações: a corrida, o *kickball*, o baile, a peça. Queria dar aulas de inglês, entrar para o Corpo da Paz, salvar a vida de um cachorro, costurar um vestido. Atuar não estava na lista. Quando entreguei meu formulário para um dos homens que se levantou para pegá-lo, quase gritei de medo. Foi assim que os Diretores de Cena se sentiram? Foi por esse motivo que acenderam cachimbos e ficaram mexendo nos chapéus? Os Georges davam pulinhos, as Emilys torciam os dedos nos cabelos como se estivessem praticando com o bastão, tudo porque

sabiam que iriam morrer ali. Minha avó estava assistindo, e eu sabia que ela devia estar com muito medo por mim. Fechei os olhos por um segundo, dizendo a mim mesma que tudo ia acabar bem depressa. Jimmy era o George e eu era a Emily, e sabíamos nossas falas de cor.

— Emily, por que está zangada comigo? — perguntou George.

— Não estou zangada com você — respondi.

Era uma simples conversa entre dois amigos de infância que estavam prestes a se apaixonar. Pronunciei as frases do modo como as ouvira na minha cabeça a manhã inteira, e, quando terminamos, o sr. Martin, minha avó e os três homens que estavam com eles se levantaram e aplaudiram.

★ ★ ★

Olho para o relógio. É fácil esquecer quanto está tarde, porque no verão o sol demora uma eternidade para se pôr.

— Vamos passar para um resumo agora — digo às garotas. — Chega de falar do ensino médio.

— E a peça? — pergunta Emily, com as lindas pernas em cima do encosto do sofá.

Ela nunca conseguiu se sentar como uma pessoa normal. Perdi essa batalha quando ela ainda era criança. Seja lá quem tenha instalado a bússola interior da garota pôs o ímã de cabeça para baixo.

— Vocês sabem tudo sobre a peça e, de qualquer forma, ela reaparece o tempo todo. Temos que resumir.

— O que aconteceu com a Veronica e o Jimmy-George? — pergunta Maisie. — Nunca ouvi nada sobre nenhum dos dois.

— Perdemos contato.

Maisie bufa.

— Não existe isso de perder contato. — Ela saca o celular do bolso do short e o agita diante de mim como se fosse uma nova invenção. — Quais os sobrenomes deles?

Olho para ela e sorrio.

— Você pode pelo menos nos contar qual de vocês duas ficou com ele — pede Nell.

— Todo mundo ficou sozinho.

As garotas grunhem em uníssono. É o melhor truque delas.

Emily se estica e dá um puxão na minha camiseta.

— Conta alguma coisa.

Vamos estar de volta ao pomar daqui a algumas horas. Se elas não forem logo para a cama, vão estar imprestáveis amanhã, mas não digo nada. Tento falar o mínimo possível.

— A peça foi um grande sucesso. Programaram seis apresentações e estenderam para dez. Uma repórter veio de Concord e escreveu sobre a gente no *Monitor*.

Minha foto saiu na primeira página da seção de entretenimento. Minha avó comprou cinco exemplares. Depois que ela morreu, encontrei todos empilhados no fundo do baú de cobertores dela.

Nell pergunta quem interpretou o Diretor de Cena. Nell é atriz. Precisa visualizar a coisa toda na própria cabeça.

O Diretor de Cena. Houve tantos Diretores de Cena. Tenho que pensar um pouco. Os ruins estão tão vívidos na minha memória, mas quem conseguiu o papel? Ele era bom, eu me lembro disso. Tento visualizá-lo me acompanhando até o cemitério.

— O pai da Marcia! — grito, porque, mesmo que não me recorde do nome, vejo o rosto dele claro como o dia. O cérebro é uma coisa impressionante, o que estava esquecido de repente entra em foco sem você fazer absolutamente nada. — Ele tentou o papel de dr. Gibbs, mas era melhor do que os outros homens, então o sr. Martin o escalou para o papel do Diretor de Cena.

Ele não tinha húbris de achar que devia ganhar o papel principal, e foi isso que o tornou bom. Marcia se sentiu humilhada diante da ideia de que eu iria conviver com o pai dela. Ela me evitou durante todo o período de ensaios e durante a exibição da peça: não se sentava comigo no almoço, não olhava para mim, mas quando voltamos às aulas no outono do nosso último ano estávamos bem de novo.

— E o Jimmy foi o George? — pergunta Emily.

— Óbvio que o Jimmy foi o George — corta Maisie.

— Jimmy foi o George — confirmo.

— Ele era um George tão bom quanto o Duke? — pergunta Emily.

Ah, a expressão que ela assume quando diz o nome de Duke. Gostaria de ter condições de mentir sobre toda a história, o tempo inteiro, desde o comecinho.

— Duke nunca interpretou o George.  
Maisie ergue uma das mãos em protesto.  
— Quem ele era, então?  
— Ele era o sr. Webb.  
— Não — diz Nell. — Não. No Tom Lake? Duke era o George.  
— Eu estava lá. Nenhuma de vocês tinha nascido.  
— Mas nós três não podemos ter entendido errado — retruca Emily, como se a matemática delas fosse mais importante que minha experiência de vida.  
— Vocês formaram essa memória porque se o Duke fosse o George e eu fosse a Emily, daria uma história melhor. Não significa que seja verdade.  
Elas refletem por um minuto.  
— Mas então ele interpretou seu pai — conclui Maisie.  
Como se aproveitasse a deixa, o pai delas entra pela porta dos fundos, a calça cheia de palha. Hazel ergue a cabeça e late até Maisie silenciá-la. Hazel late quando qualquer homem chega.  
— Trabalhadoras — cumprimenta ele, batendo palmas. — Vão para a cama.  
— Papai, já somos grandinhas — diz Nell, a mais nova. — Você não pode mandar a gente para a cama.  
Emily, nossa fazendeira, Emily, que planeja tomar conta de tudo isso quando ficarmos velhos, olha para o relógio.  
— Mamãe estava prestes a fazer um resumo.  
— Qual é a história? — pergunta ele, tirando as botas ao lado da porta como há anos venho pedindo que faça.  
— O passado — respondo.  
— Ah — diz ele, e tira os óculos. — Vou tomar um banho. Mas sem desculpas de manhã.  
— Combinado — dizemos.  
Então me esforço para passar pelas partes chatas da maneira mais rápida possível.

★ ★ ★

No último ano do ensino médio, me inscrevi no núcleo de teatro. Interpretei a protagonista em *O milagre de Ann Sullivan* com uma garota pequenininha

do sétimo ano chamada Sissy, que precisava ser lembrada de não cortar a pele quando me mordesse. Nós nos pendurávamos uma na outra por todo o palco. O grande musical da primavera foi *Bye, Bye, Birdie*, e interpretei Rosie DeLeon. Ninguém diria que sou cantora, mas não passei vergonha. Entrei em Dartmouth e Penn sem auxílio financeiro. Fui para a Universidade de New Hampshire, onde o débito anual — incluídos as mensalidades, o dormitório, a alimentação, os livros e as taxas — chegou a pouco mais de dois mil e quinhentos dólares com a bolsa de estudos por mérito. Na faculdade, não cheguei mais perto de descobrir o que queria fazer da vida do que havia chegado no ensino médio. A Universidade de New Hampshire não oferecia design de moda, e eu ainda não tinha me inscrito em química. Deixava o formulário de candidatura ao Corpo da Paz na escrivaninha. Minha avó tinha me dado sua amada Singer preta de presente de formatura. A máquina era uma veterana, então consegui economizar um pouco de dinheiro encurtando as saias de veludo das meninas da fraternidade. Os dias eram preenchidos com literatura inglesa, introdução à biologia e pilhas de costura. Eu caía no sono na biblioteca, a cabeça apoiada em um livro aberto. Nunca pensei em atuar.

Pelo menos até o terceiro ano, quando vi o anúncio de uma audição para *Nossa cidade* num quadro de avisos no centro estudantil. Eu tinha ido afixar meu próprio anúncio: *Pontinhos — consertos de roupas a jato*. Meu primeiro pensamento foi de que seria divertido inscrever pessoas na peça e o segundo, de que eu podia tentar o papel da Emily. Seria um prazer enorme dizer aquelas palavras de novo, e eu compreendia os parâmetros pelos quais a esfera social de alguém era ampliada pelo teatro. Mesmo como terceiranista, a maioria dos jovens que eu conhecia na faculdade eram os jovens com quem havia estudado no ensino médio.

Todo ano, havia mais ex-Emilys na Universidade de New Hampshire do que em qualquer outra universidade no país, todas nós achando que tínhamos arrasado no papel. O que eu não daria para estar na sala e ver as audições delas, mas dessa vez não tinha uma desculpa plausível. Esperei no corredor com meu número, usando o moletom do time da Universidade de New Hampshire do meu irmão para dar sorte.

Sorte era tudo.

Bill Ripley estava na plateia na noite da terceira apresentação. Era um homem alto com bochechas sempre coradas e uma mecha grisalha no cabelo

escuro que lhe conferia um ar de seriedade. Ripley se sentou na terceira fileira com a irmã, o sobretudo de lã volumoso dobrado no colo porque não queria esperar na fila da chapelaria.

Eu o chamava de O Talentoso Ripley, porque uma vez tinha visto esse livro numa livraria e gostara do título. Considerava um elogio. Todo mundo na minha família se referia a ele como Ripley-Acredite-Se-Quiser. Os dois apelidos continham um elemento de verdade, que em nada tinha a ver com Ripley ser um possível sociopata, mas sim com a capacidade dele de se infiltrar na vida das pessoas e fazer parecer que aquele lugar sempre lhe pertenceu. A parte do acredite se quiser era óbvia.

As pessoas não são alvo de caça-talentos em Durham, New Hampshire, e Ripley não era um caça-talentos. A irmã dele morava em Boston, e Ripley estava na cidade por conta do aniversário dela. O que a garota queria, o que especificamente tinha pedido de presente, era que fossem de carro até Durham para que ele visse a sobrinha, a filha dela, Rae Ann, no papel de sra. Gibbs. A irmã de Ripley acreditava que a filha tinha talento e achava que o irmão, por consideração a ela, devia dar uma olhada.

Eu não conhecia a sobrinha de Ripley antes da peça, e mesmo depois de um bocado de ensaios e três apresentações ainda não diria que a conhecia. Ela interpretava minha sogra, mas, como todas as outras garotas naquela produção, Rae Ann tinha tentado o papel de Emily, portanto não via com bons olhos meu sucesso. Ter recebido o papel de sra. Gibbs era um ponto a seu favor, e o fato de ser totalmente sem graça ao atuar dificilmente era culpa de Ann. É difícil para uma garota de 19 anos se sair bem como uma mãe de meia-idade fingindo alimentar as galinhas. Ripley deu uma colher de chá, mas nunca prestou muita atenção nela. Abraçou-a depois que as cortinas se fecharam e disse que ela estava magnífica, depois a mandou para a festa do elenco com a mãe, dizendo que se juntaria às duas num instante. Esperou no saguão com o sobretudo, e quando apareceu uma garota ele perguntou onde podia encontrar a Emily.

O ano de 1984 não foi nada parecido com o que Orwell tinha imaginado, e ainda assim era um mundo quase impossível de explicar. Um homem estranho de terno bateu na porta do camarim antes que eu conseguisse trocar de roupa, e, quando pus a cabeça para fora, disse que queria falar comigo e perguntou se seria possível irmos rapidinho a algum lugar silencioso. Concordei, feito uma criança recebendo instruções de um adulto, o que era

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tom Lake"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).